

Julho/2020

 portal.fiocruz.br/boletim-presidencia/julho/2020



Agenda

31/07/2020

Fiocruz apresenta à comunidade Plano de Convivência com a Covid-19



Documento tem como objetivo manter as atividades institucionais e suas entregas à sociedade, tendo como princípio a preservação da vida e da saúde dos seus trabalhadores e frequentadores dos campi

Comissão parlamentar visita Manguinhos

Deputados conheceram processo de produção de vacinas



Comitê acompanha projetos de vacinas

Presidência cria grupo para avaliações técnico-científicas



Cogic desenvolve tecnologia de ventilação para UTIs

Sistema obtém o primeiro registro de desenho industrial pelo INPI



Novas regras para educação remota

Orientações valem para período emergencial



Fiocruz Ceará inicia ocupação do Bloco de Pesquisas

Adaptação do prédio deverá ser concluída em setembro



Pesquisadores ampliam ações para povos indígenas

Foco são vigilância e impactos da pandemia



Programa Unidos contra a Covid-19 apresenta resultados

Prestação de contas é a meta da nova fase da campanha iniciada há três meses

Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19

Publicação apresenta dados de forma clara e didática

Campus Sede:

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900 - Tel: (0xx21) 2598-4242

- [Índice alfabético](#)
- [Expediente](#)

Este portal é regido pela [Política de Acesso Aberto ao Conhecimento](#), que busca garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral de toda obra intelectual produzida pela Fiocruz.

 O conteúdo deste portal pode ser utilizado para todos os fins não comerciais, respeitados e reservados os direitos morais dos autores.

Em defesa da vida: Convivência com a Covid-19 na Fiocruz

 portal.fiocruz.br/noticia/em-defesa-da-vida-convivencia-com-covid-19-na-fiocruz

Depois de quatro meses seguindo as orientações de contingência, a comunidade Fiocruz tem novo documento para orientar as atividades institucionais: o plano Em defesa da vida - Convivência com a Covid-19 na Fiocruz. Elaborado pela Coordenação Institucional para ações diante da pandemia por meio de um trabalho coletivo de gestão participativa, o documento tem como objetivo estabelecer medidas que permitam manter as atividades da instituição e suas entregas à sociedade, tendo como princípio a preservação da vida e da saúde dos seus trabalhadores.

"Ouve-se falar muito sobre um 'novo normal'. No entanto, não se trata de buscar uma normalidade dentro de novos padrões, mas de repensarmos nossos espaços e nos desafiar a inovar em estruturas, diretrizes e planejamento, de forma permanente", afirmou a presidente Nísia Trindade Lima. "É fundamental que a instituição e seus trabalhadores estejam preparados e seguros para enfrentar essa e outras emergências sanitárias, que poderão acontecer, para defender a vida e o bem-estar em nossa sociedade".

O plano é um instrumento para enfrentar o desafio imposto pela pandemia de repensar as maneiras de convivência e ressignificação dos espaços. É também mais uma das numerosas frentes de atuação da Fiocruz na busca de soluções e respostas para esse enfrentamento. Estão elencadas no documento dez orientações gerais e princípios para o estabelecimento de uma nova rotina de trabalho e de convivência segura nos campi da Fundação, de acordo com deliberação do Conselho Deliberativo da Fiocruz, em 9/7.

Aprendizado coletivo

O documento ressalta que o Plano de Convivência envolve adaptação de processos e aprendizado coletivo organizacional. Traz determinações de ordem prática: restrição de circulação nos campi e distanciamento físico entre as pessoas; uso de barreiras; higiene pessoal e dos ambientes; identificação e isolamento de portadores da infecção e vigilância ativa; e proteção adicional de trabalhadores com maior risco.

Segundo o documento, devem ser usadas como referência as experiências internacionais e recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para estabelecer critérios de distanciamento social e outras medidas de controle. As orientações das autoridades sanitárias locais também devem ser consideradas. No momento, já está estabelecido que museus e espaços de visitação permanecerão fechados.

As aulas presenciais continuam suspensas, assim como viagens a trabalho, que só devem ser realizadas em casos excepcionais. As reuniões continuarão a ser realizadas preferencialmente a distância. O uso de máscaras é obrigatório em todos os ambientes da instituição e há recomendações específicas para manter seguro o uso de ambientes como refeitórios, restaurantes e transporte coletivo institucional.



Participação e monitoramento

Concebido num modelo de gestão participativo e dinâmico, o plano será executado e monitorado da mesma forma, com participação ativa dos interlocutores das unidades. O documento prevê a manutenção de uma rede permanente que permita o acompanhamento das experiências implementadas e organizadas pelas unidades, de sucesso ou os desafios relacionados, de forma compartilhada.

O Plano foi elaborado com a perspectiva “de fortalecimento da interlocução das esferas de gestão com os pares internos e externos à instituição, gerando possibilidades de revisão a partir das abordagens das diversas disciplinas e dos atores envolvidos nesse enfrentamento”. O cuidado com os trabalhadores é prioritário: “Neste estado de pandemia muitas das atividades realizadas pela Fiocruz são consideradas essenciais (...) para a saúde pública, sendo a proteção dos trabalhadores uma necessidade absolutamente fundamental”, diz o texto.

Pessoas de grupos de risco relacionados no Plano de Contingência deverão permanecer em trabalho remoto. O documento indica procedimentos para pessoas com sintomas compatíveis com a Covid-19, trata do monitoramento de resultados dos exames e traz em anexo uma série de cartazes de orientação. Esse material deve ser amplamente utilizado nos diversos setores, pelos gestores e trabalhadores em geral. Clique [aqui](#) para baixar a primeira versão do plano Em defesa da vida – Convivência com a Covid-19 na Fiocruz.

Parlamentares apoiam ações da Fiocruz contra a Covid-19

 portal.fiocruz.br/noticia/parlamentares-apoiam-acoes-da-fiocruz-contr-a-covid-19-1



Integrantes da Comissão Externa do Coronavírus da Câmara dos Deputados estiveram ontem (28) no Campus Manguinhos para conhecer as atividades da Fiocruz voltadas para o enfrentamento da pandemia, em especial no que diz respeito ao processo de produção da vacina. Recentemente, a Fundação firmou um acordo com a biofarmacêutica AstraZeneca para compra de lotes e transferência de tecnologia da vacina para Covid-19 desenvolvida pela Universidade de Oxford. Além de conhecer as instalações do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), onde serão produzidas as doses, a agenda também incluiu uma visita técnica à Unidade de Apoio ao Diagnóstico da Covid-19.

“O processo de desenvolvimento de uma vacina é normalmente longo e precisa ser orientado por preceitos de eficácia, segurança e ética em pesquisa. Temos visto um esforço mundial sem precedentes em acelerar esse processo. Como instituição estratégica do Estado brasileiro, a Fiocruz não poderia ficar de fora dessa mobilização. A Fundação tem 120 anos de história e atuação na saúde pública e buscamos ser parte da resposta à crise humanitária que estamos vivendo desde o início da pandemia”, declarou a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade.

Com a liderança do presidente da Comissão, dr. Luizinho Teixeira (PP-RJ), estiveram presentes os deputados federais Carmen Zanotto (Cidadania-SC), Jandira Feghali (PCdoB-RJ), Chico D’Angelo (PDT-RJ), Alexandre Padilha (PT-SP), Carla Dickson (Pros-RN), Christiano Aureo (PP-RJ), Soraya Manato (PSL-ES), Mariana Carvalho (PSDB-RO), Hiran Gonçalves (PP-RR), Pedro Westphalen (PP-RS), General Peternelli (PSL-SP), Antônio Brito (PSD-BA), Rodrigo Coelho (PSB-SC), Alexandre Serfiotis (PSD-RJ) e Alessandro Molon (PSB-RJ). A comitiva contou ainda com a participação

de Patricia Ferraz (PODE-AP), suplente do deputado Vinicius Gurgel (PL-AP), do vereador Felipe Michel (Progressistas-RJ) e dos assessores Daniela Sholl, Thiago Medeiros e Monique Monteiro.

Para iniciar a agenda da visita, a presidente da Fiocruz apresentou as ações que a Fundação vem realizando de forma articulada com o Ministério da Saúde. Entre os destaques, ações de vigilância, educação, pesquisa, inovação tecnológica, produção de vacinas e medicamentos; a atenção direta aos pacientes contaminados pela doença no Centro Hospitalar para a Pandemia de Covid-19 – Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), que foi erguido em regime emergencial no campus e que ficará como um legado para o SUS pós-pandemia; o papel da Fundação na produção dos testes e na ampliação da capacidade nacional de testagem à população; e o trabalho envolvido na prospecção e fabricação especificamente da vacina contra a doença.

Nísia explicou aos parlamentares os detalhes da negociação para a produção da vacina desenvolvida pela universidade britânica. O acordo prevê a aquisição de 30,4 milhões de doses do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) ainda durante a realização dos estudos clínicos, para processamento final e controle de qualidade, sendo 15,2 milhões de doses em dezembro e 15,2 milhões de doses em janeiro do ano que vem.

Ao término dos estudos e com a eficácia da vacina comprovada, está prevista a aquisição de mais 70 milhões de doses do IFA e a absorção total da tecnologia por Bio-Manguinhos. Para ter as 100 milhões de doses da vacina e a garantia da produção em solo nacional, o Brasil precisará investir cerca de dois bilhões de reais. Durante o encontro, a Comissão se comprometeu a apoiar à Fundação nas negociações, que incluem, entre outros aspectos, uma medida provisória, já chamada de MP da Vacina, que segue em andamento pelo governo federal.

“Aqui na Fiocruz se faz educação, se faz ensino, produção de medicamentos. Nós precisamos mais do que nunca, como Congresso, apontar para as autoridades a importância da independência da produção de certos insumos e vacinas no Brasil. É fundamental investir em tecnologia, inovação e principalmente em pesquisa. A Fiocruz tem todas as condições de fazer isso. Portanto, vamos empregar esforços para que não falte orçamento, de forma que os brasileiros tenham a qualidade da Fiocruz à disposição da sua saúde”, ressaltou o presidente da Frente Parlamentar do Programa Nacional de Imunizações, Pedro Westphalen.

Com os resultados positivos dos testes feitos até agora, a vacina de Oxford é umas das mais promissoras no cenário mundial, inclusive do ponto de vista econômico. Considerando a taxa cambial atual, cada unidade da vacina sairia a menos de R\$ 15. “Os Estados Unidos estão sugerindo uma vacina de U\$ 40 (R\$ 260) a dose. Só aí, temos uma economia de R\$ 22 bilhões de reais. Nosso SUS, que tem a Fiocruz e tem capilaridade, vai conseguir entregar à população brasileira uma vacina de qualidade,

provavelmente antes do que a maioria dos países do mundo. Se agirmos com antecedência, teremos condições tecnológicas para abastecer o mercado interno e ainda vender a vacina para o exterior”, afirmou o deputado Luizinho Teixeira.

“É importante ressaltar que estamos trabalhando na ampliação de nossa capacidade de produção para que possamos atender a essa demanda e ao nosso fluxo regular de produção de diversas vacinas. Neste campo temos desafios para um futuro que esperamos possa se concretizar: o Complexo Industrial de Biotecnologia em Saúde (Cibs), em Santa Cruz, o maior investimento do país em biotecnologia e que aumentará a capacidade atual de 20 milhões para 120 milhões de frascos de vacinas e biofármacos por ano”, destacou a presidente da Fundação.

Após a recepção no Castelo Mourisco, a comitiva se dividiu em dois grupos para visitar as instalações do complexo de Bio-Manguinhos e da Unidade de Apoio ao Diagnóstico da Covid-19. Os parlamentares puderam conferir de perto o passo a passo que envolve a fabricação de uma vacina e a tecnologia empregada no processamento das amostras suspeitas da doença que seguem para análise na Fiocruz.

"Na condição de relatora da Comissão Externa e parlamentar da área da saúde, só temos o que agradecer a história da Fiocruz nesses 120 anos e mais ainda agora no momento da pandemia. O Brasil precisa se fortalecer e a Fiocruz é, sim, uma das instituições que precisa ser reconhecida, não só no momento da pandemia, mas com a garantia dos orçamentos necessários", finalizou a deputada Carmen Zanotto.

** Foto: Peter Illiciev/CCS*

Fiocruz instala comitê para acompanhar projetos de vacinas

 portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-instala-comite-para-acompanhar-projetos-de-vacinas



A Presidência da Fiocruz instalou, no dia 17 de julho, o Comitê de Acompanhamento Técnico-Científico das Iniciativas Associadas a Vacinas para a Covid-19. Em reunião online, a presidente Nísia Trindade Lima falou sobre as expectativas acerca das contribuições do comitê, formalizado por portaria da Presidência. Em seguida, o vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde, Marco Krieger, apresentou o termo de referência das iniciativas da Fiocruz para desenvolvimento de vacinas para Covid-19, como a [vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford](#).

Entre as atribuições do comitê estão: avaliar documentos técnico-científicos sobre o desenvolvimento tecnológico da vacina, os ensaios clínicos e o processo de incorporação tecnológica; avaliar a aquisição ou absorção de tecnologias de terceiros ou o desenvolvimento de colaborações ou parcerias para o desenvolvimento de tecnologias relacionadas ao combate ao Covid-19; e elaborar pareceres técnicos científicos, para subsidiar a Presidência da Fiocruz nestes temas.

Em sua apresentação, Krieger destacou o estudo de prospecção feito pela Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde (SCTIE/MS), em parceria com a Fiocruz, em busca do projeto com maior chance de resultado positivo, o desenvolvimento da vacina de Oxford, estudos clínicos em andamento e o acordo em negociação com a AstraZeneca, entre outros.

Presidido pela presidente Nísia Trindade Lima, o comitê é composto por: Marco Aurelio Krieger, Akira Homma, Wilson Savino, Carlos Gadelha e Marilda Siqueira. Os representantes externos são: Antonio Carlos Campos de Carvalho (UFRJ), Moises

Goldbaum (USP) e Cristiana Toscano (UFG). A secretaria-executiva do Comitê ficará a cargo de Beatriz Fialho, de Bio-Manguinhos.

Em junho, o Conselho Deliberativo da Fiocruz também constituiu uma comissão para acompanhamento da encomenda tecnológica e da transferência de tecnologia da vacina de Oxford para o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos). Os integrantes desta comissão são o vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde, Marco Krieger; o vice-presidente de Pesquisa e Coleções Biológicas, Rodrigo Correa; o vice-presidente de Gestão e Desenvolvimento Institucional, Mario Moreira; o chefe de gabinete da Presidência da Fiocruz, Valcler Rangel; o diretor de Bio-Manguinhos, Maurício Zuma; a diretora da Fiocruz Minas, Zélia Profeta; o diretor do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), José Paulo Leite; e a procuradora-chefe, Deolinda Vieira Costa.

Integrantes pela Fiocruz

Marco Aurelio Krieger é vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde, na qual também é pesquisador-titular. Tem graduação em Ciências Biológicas pela UFPR e mestrado e doutorado em Ciências Biológicas (Biofísica) pela UFRJ. Tem experiência na área de genética, com ênfase em parasitologia molecular, atuando principalmente nos seguintes temas: *Trypanosoma cruzi*, expressão gênica, genômica funcional, diferenciação celular e utilização de técnicas de Biologia Molecular para o desenvolvimento de insumos para testes de diagnóstico.

Akira Homma é integrante dos Comitês Técnicos do Programa de Imunizações da Opas, pela qual atuou como assessor regional de Vacinas para as Américas, do PNI e do Comitê Executivo do Developing Countries Vaccine Manufacturers Network (DCVMN). Foi membro do Conselho Executivo da Global Alliance for Vaccines and Immunization (Gavi) e é colaborador da OMS. É vice-presidente de Biotecnologia da Abifina e assessor científico sênior do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz). Foi presidente da Fiocruz.

Wilson Savino é imunologista, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e coordenador de Estratégias de Integração Regional e Nacional da Fiocruz. Savino presidiu a Sociedade Brasileira de Imunologia, a Sociedade Brasileira de Biologia Celular e a Sociedade Internacional de Neuroimunomodulação. É doutor honoris causa pela Universidade Sorbonne (Paris) e membro titular da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Mundial de Ciências. Compõe o International Scientific Board do Instituto Pasteur de Montevideu, e é coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neuroimunomodulação e da Rede Faperj de Pesquisa em Neuroinflamação.

Carlos Gadelha é coordenador de Ações de Prospecção da Fiocruz e doutor em Economia pela UFRJ. É coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Desenvolvimento, Complexo Econômico Industrial e Inovação em Saúde da Fiocruz e professor e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Foi vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz, secretário de Programas de

Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração Nacional, secretário de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde e secretário de Desenvolvimento e Competitividade Industrial do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior.

Marilda Siqueira é virologista, atuando principalmente com vírus respiratórios, como sarampo, rubéola, influenza, coronavírus e vírus sincicial respiratório. Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), atua como Partnership Contribution Independent Technical Expert Mechanism da Organização Mundial da Saúde (OMS) e é integrante de vários Comitês e Grupos de Trabalhos do Ministério da Saúde. Também é membro do Scientific Steering Committee da Rede Gabriel da Fundação Merieux, do Task Force for Influenza Vaccine Roadmap da Universidade de Minnesota/Fundação Gates e do Measles Rubella Elimination Regional Monitoring and RE-verification Commission/Opas. Chefia o Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do IOC/Fiocruz, que atua como Referência Nacional para influenza junto ao MS e OMS, Referência Nacional para sarampo e rubéola pelo MS e Referência Regional para sarampo e rubéola da OMS, além de Referência Nacional para coronavírus junto ao MS e Referência em coronavírus da OMS para as Américas.

Integrantes externos

Antonio Carlos Campos de Carvalho é doutor em Ciências Biológicas (Biofísica) pela UFRJ, na qual é professor-titular. É também professor-titular visitante do Albert Einstein College of Medicine, em Nova York. É membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências do Mundo em Desenvolvimento (TWAS). Foi diretor do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ. De 2003 a 2013 foi Diretor de Ensino e Pesquisa do Instituto Nacional de Cardiologia e membro do Conselho Diretor da International Union of Physiological Sciences. Foi também diretor de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. É coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Regenerativa e da Rede Nacional de Terapia Celular.

Moisés Goldbaum é doutor em Saúde Coletiva pela USP, na qual é orientador no Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva. Foi secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. Foi superintendente da Fundação para o Remédio Popular (Furp) e da Superintendência de Controle de Endemias (Sucen). Tem experiência em pesquisa na área de Saúde Coletiva e é editor-científico da Revista Brasileira de Epidemiologia.

Cristiana Toscano é doutora em Epidemiologia pela UFRGS e pós-doutora em Avaliação de Tecnologias em Saúde pela UFRGS. É professora-adjunta na UFG e coordenadora de projetos na área de Economia em Saúde em parceria com Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde, Fundação Bill & Melinda Gates e OMS. É assessora para estudos de vacina na OMS, tendo atuado como responsável pela implementação e coordenação global de sistemas de vigilância para doenças preveníveis por novas

vacinas como rotavírus e doença pneumocócica. É membro do comitê de experts em vacinas da OMS e membro do comitê da Opas sobre doenças evitáveis pela vacina (principal grupo consultivo técnico de vacinas e imunizações na região das Américas).

Secretaria-Executiva

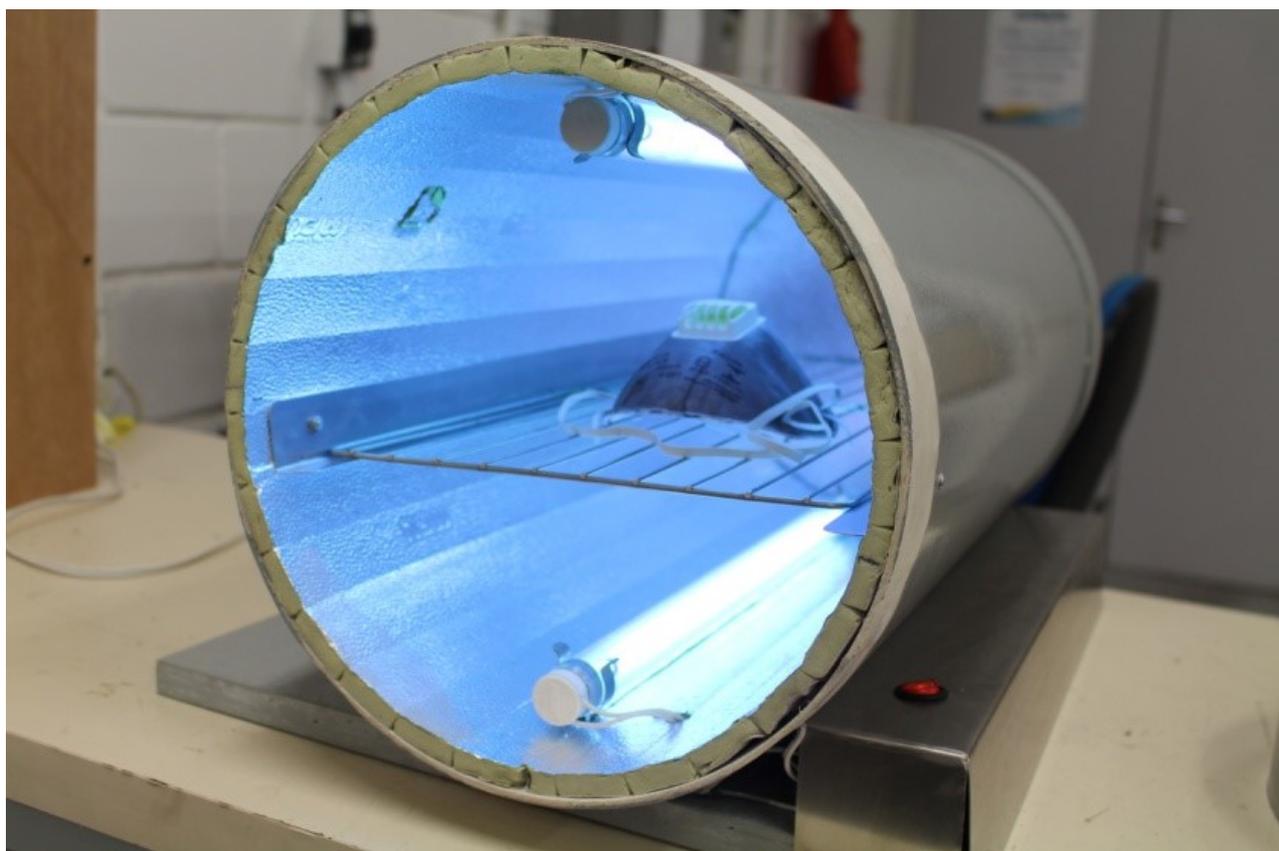
Beatriz Fialho é gerente do Projeto de Implantação do Centro Tecnológico de Plataformas Vegetais de Bio-Manguinhos/Fiocruz. É bacharel em Ciências Econômicas pela UFRJ, mestre em Engenharia de Produção pela UFRJ e doutora em Gestão da Inovação pela UFRJ. Beatriz participa de grupos internacionais de pesquisa na área de acesso a medicamentos e inovação tecnológica.

Cogic na luta contra a Covid-19

 portal.fiocruz.br/noticia/cogic-na-luta-contra-covid-19

Desde a descoberta da Covid-19, a população tem contado com o trabalho incansável da Fiocruz na linha de frente desta crise que assola o Brasil. Com o avanço rápido da pandemia no país, garantir a proteção dos profissionais da saúde de forma eficiente e ajudar a salvar cada vez mais vidas é o principal desafio. Com isso, entre as inúmeras ações da instituição, a Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic) abriu uma frente de apoio ao combate da pandemia dispondo de seu saber: a engenharia. Assim, a equipe de infraestrutura da Fiocruz, seja por movimento próprio, seja por convite a envolvimento de iniciativas em rede, tem atuado em projetos diversos como: dispositivo para descontaminação de EPI; participação na Iniciativa + Manutenção de Respiradores; ‘Torre de descontaminação de superfície em ambiente de UTI’; ‘Confecção de protetores faciais’; e ‘Aparato de condicionamento de ar emergencial para UTI’s, sendo este o primeiro Registro de Desenho Industrial da Fiocruz no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).

Dispositivo para descontaminação de EPIs



Hospitais e serviços de saúde lutam contra a falta de máscaras cirúrgicas e N95, máscaras faciais, aventais e roupas de proteção em geral, obrigando os profissionais da área a reutilizarem os equipamentos. Percebendo essa realidade, a Cogic vem

desenvolvendo e montando dispositivos “pilotos” para descontaminação de EPIs de fácil produção, uso e transporte. Neles, máscaras podem ser descontaminadas em alguns minutos, através do uso de radiação por luz UV-C.

“Como a máscara é feita de camadas de fibras, não é possível garantir 100% de descontaminação. Em breve entraremos na fase de teste biológico. O objetivo é chegar aos 90% de descontaminação da superfície irradiada, garantindo ainda mais segurança aos profissionais.”, informa o chefe do Departamento de Manutenção de Equipamentos (Demeq/Cogic), Armando Lopes.

Um outro projeto em andamento trata da descontaminação de EPIs utilizando vapor de Peróxido de Hidrogênio (VPH), uma tecnologia eficaz e versátil, eficaz contra uma ampla gama de vírus. Um dispositivo gerador de VPH em câmara estanque com capacidade de descontaminar grande número de EPIs em pouco tempo e com grande eficácia.

Parceria na Manutenção de Ventilador Pulmonar e Iniciativa + Manutenção de Respiradores



Os ventiladores pulmonares mecânicos estão entre os equipamentos essenciais para tratamento de pacientes graves com Covid-19. O projeto Iniciativa + Manutenção de Respiradores é uma rede voluntária formada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), grandes indústrias privadas e outras instituições da sociedade, criada para realizar a manutenção de respiradores mecânicos (ventiladores pulmonares) que

estão inoperantes. A Cogic foi contactada pelo Senai e ao observar a fragilidade da cobertura no estado do Rio de Janeiro - a rede nacional contava com apenas um ponto de manutenção no sul fluminense - decidiu participar da iniciativa.

"Mesmo o ventilador pulmonar não sendo o foco de manutenção habitual do departamento, doamos ao projeto o nosso tempo e a nossa infraestrutura. Fizemos a adequação inicial de uma oficina para atendimento específico deste equipamento. Todos os trabalhadores internos e voluntários externos receberam treinamento em biossegurança e informações básicas sobre o equipamento. Hoje estamos com 30 respiradores e seis misturadores de ar usados da rede hospitalar pública do Rio de Janeiro aguardando recursos para voltarem aos seus locais de origem", explicou Armando Lopes.

Torre de descontaminação de superfície em ambiente de UTI



Os espaços físicos hospitalares e de atendimento, como leitos e quartos de internação, precisam de descontaminação eficiente e rápida quando são desocupados. Também por meio de uso de irradiação por luz UV-C, os engenheiros e técnicos montaram um dispositivo protótipo que reduz a carga viral do ambiente. O método foi escolhido por ser rápido, eficaz e seguro, sem deixar resíduos. Para segurança dos profissionais de saúde, foram instalados sensores de presença que desligam as lâmpadas assim que alguém entra no recinto em descontaminação e disparam alarmes visual e sonoro.

Confecção de protetores faciais e máscaras modelo face



Com a missão de proteger os profissionais de saúde que trabalham no combate ao novo coronavírus, por meio da fabricação e distribuição voluntária de protetores faciais, a rede SOS3D recebeu a contribuição da Fiocruz a partir de uma parceria entre a Cogic, o Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos) e a Rede de Plataformas Tecnológicas da Fiocruz, com a impressão de suportes de máscaras de proteção facial,

modelo face shield, em impressora 3D. Os protetores foram distribuídos priorizando os hospitais públicos. A Fiocruz confeccionou 191 suportes, sendo 39 destinados ao atendimento interno. A rede SOS3D já ultrapassou a meta estabelecida e o projeto parou de receber solicitações de doações e a produção. Atualmente na Cogic continuam sendo impressos protetores para atender demandas internas.

Aparato para condicionamento de ar emergencial em UTIs em crises de emergência pública



Em virtude da alta transmissibilidade do vírus em UTIs, é necessário que as unidades de isolamento sejam dotadas de um sistema de circulação que impeça que o ar contaminado seja disseminado em outros ambientes, como também no meio externo, demandando critérios específicos de filtragem para o devido tratamento. Os procedimentos que podem gerar aerossóis em pacientes com Covid-19 devem ser realizados preferencialmente em uma unidade com isolamento respiratório com pressão

negativa e filtro HEPA (*High Efficiency Particulate Air*). Estas especificidades agregam complexidade e custo à infraestrutura associada, que podem se tornar uma barreira para a demanda de rápida expansão de leitos de UTI do SUS nos municípios mais carentes.

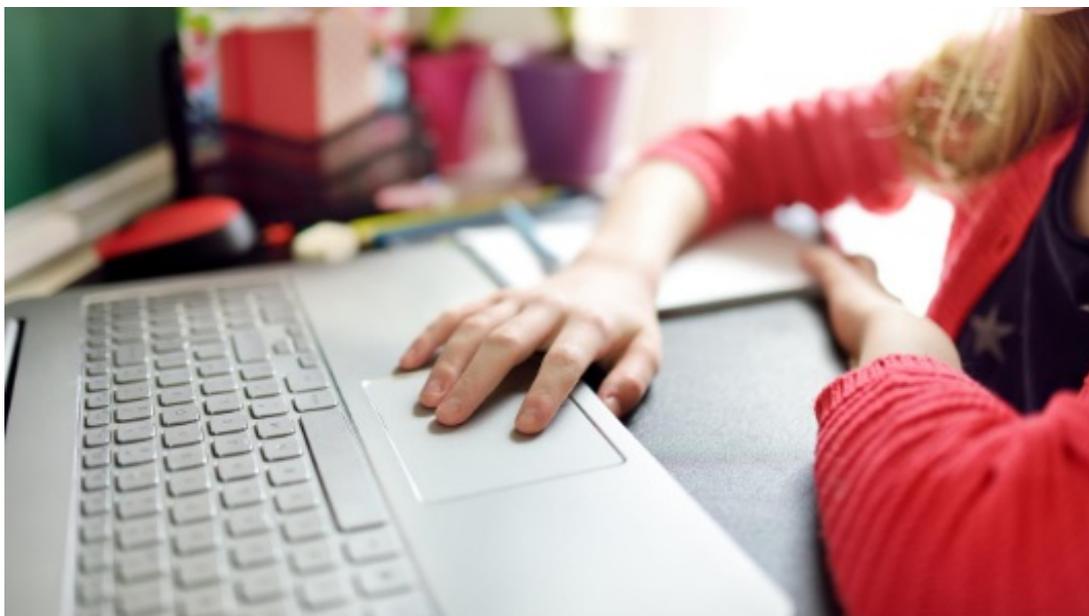
Para contribuir na superação deste possível obstáculo, a equipe da Cogic desenvolveu um projeto de solução emergencial para UTIs com filtros Hepa, formado a partir de componentes convencionais de fabricação nacional em série. A solução é voltada para uso emergencial nos municípios mais pobres, afastados dos centros urbanos e com defasagem de infraestrutura hospitalar. O produto apresenta vida útil compatível ao enfrentamento da pandemia. “Com a contribuição de todos os departamentos da Cogic, um protótipo com capacidade para atendimento a um leito de UTI ou 15m² de área coletiva foi construído em aproximadamente 10 dias. Uma sala da Cogic foi adaptada para a instalação do equipamento e a realização dos testes preliminares de desempenho, que se mostraram satisfatórios.”, esclarece o engenheiro mecânico Bruno Perazzo, idealizador do aparato.

A solução foi encaminhada à Coordenação de Gestão Tecnológica (Gestec/VPPIS) que, após a realização de análises técnicas, aconselhou pela busca de parcerias para produção e pelo registro como “desenho industrial” no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). Este registro foi realizado após aprovação pela Comissão de Patentes da Fiocruz, sendo o primeiro deste tipo na instituição. Após a identificação de possíveis parceiros de engenharia, as ações atuais estão voltadas para a negociação de codesenvolvimento e produção.

Fotos: Eduardo Souza/Ascom Cogic

Fiocruz aprova orientações para Educação Remota Emergencial

 portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-aprova-orientacoes-para-educacao-remota-emergencial-0



Após período de análises, levantamentos e debates internos nas diferentes instâncias do ensino, o Conselho Deliberativo da Fiocruz aprovou as Orientações para a Educação Remota Emergencial no âmbito dos Programas de Pós-graduação stricto sensu e cursos lato sensu da Fiocruz. A proposta – resultante de discussões da Câmara Técnica de Educação (CTE) da Fundação – tem vigência durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais em virtude das medidas adotadas para a redução da transmissão da Covid-19. A decisão baseia-se nas tendências de evolução da doença no Brasil e no mundo e visa salvar vidas, dada à impossibilidade da realização de atividades letivas presenciais de forma segura por um período cuja duração ainda é desconhecida. O texto das Orientações para a Educação Remota Emergencial na Fiocruz, aprovado pelo CD, em 23 de julho, apresenta diretrizes gerais para todas as unidades e é condizente com as diretivas do Plano de Convivência da Fiocruz com a Covid-19, que será publicado em breve.

A presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima, reiterou a importância das ações educacionais: “Elas são prioritárias para a Fundação, essenciais para o SUS, e um dos eixos estruturantes de ação de enfrentamento à Covid-19”. A presidente ressaltou ainda o trabalho agregador e colaborativo que vêm sendo desenvolvido pela equipe da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic) e a Câmara Técnica de Educação (CTE) para a garantia da continuidade das atividades educacionais, com intensa mobilização de vice-diretores, coordenadores, docentes e alunos das diversas unidades.

Segundo a vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação, Cristiani Vieira Machado, as orientações aprovadas visam subsidiar a organização, a continuidade e o dinamismo das ações educacionais e, ao mesmo tempo, garantir a segurança de alunos e trabalhadores. O documento busca articular diretrizes gerais com o respeito à diversidade das realidades regionais, programas e cursos da Fiocruz, o que também exige o planejamento descentralizado das atividades no âmbito das unidades em todo o país.

A relatoria da proposta foi feita pela diretora da Fiocruz Brasília, Fabiana Damásio, que salientou os pressupostos de defesa da vida e de unicidade da ação em todas as unidades que ofertam cursos presenciais, reconhecendo as especificidades das modalidades de formação: “O documento também apresenta os elementos basilares gerais que guiam os processos educacionais, sinalizando a necessidade de construirmos ações pautadas no incentivo de interação dos docentes com os estudantes”. A relatora mencionou que, para o ensino médio, modalidade oferecida pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), diretrizes específicas estão sendo definidas em função de suas especificidades e em diálogo com outras escolas da rede pública.

Educação remota emergencial como alteração temporária na forma de oferta das atividades educacionais

Como manter ou retomar o dinamismo das atividades educacionais em face das incertezas relacionadas à evolução e duração da pandemia? Quais as condições necessárias para desenvolver atividades educacionais, considerando a gravidade da situação, sem acentuar as desigualdades sociais? Quais seriam os parâmetros para orientar as atividades educacionais na fase de convivência com a Covid-19? Esses e muitos outros questionamentos foram orientadores das discussões que resultaram na proposta de adoção da Educação Remota Emergencial na Fiocruz.

Em 16 de junho, o MEC publicou a [Portaria 544/2020](#), admitindo, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais. Portanto, a deliberação da Fiocruz é consoante com a regulamentação nacional e com práticas que vêm sendo adotadas por universidades e outras instituições de ensino brasileiras para garantir condições de realização das atividades educacionais no contexto da pandemia de Covid-19.

O documento define educação remota emergencial como uma alteração temporária da forma de oferta das atividades educacionais devido a circunstâncias de crise. Tal modalidade envolve o uso de soluções remotas para processos educativos que, normalmente, seriam oferecidos de forma presencial. As orientações estão resumidas em nove artigos que abordam questões sobre o processo de implantação, acompanhamento e manutenção da educação remota emergencial na Fiocruz, incluindo temas como: aplicabilidade das novas normas; análise de viabilidade de adaptação de cursos, disciplinas e módulos para a educação remota emergencial; planejamento

acadêmico com envolvimento dos corpos docente e discente; critérios e parâmetros orientadores do processo de conversão de disciplinas presenciais para a educação remota emergencial; estratégias de apoio aos docentes; apoio aos discentes com vistas a garantir boas condições para o acompanhamento das atividades de ensino e continuidade dos itinerários de formação; entre outros aspectos.

Educação como um dos eixos estruturantes de enfrentamento à Covid-19

Entre os principais eixos de atuação da Fiocruz no enfrentamento da Covid-19 está o ensino. A Fundação oferece programas e cursos em 21 de suas unidades/escritórios, em diferentes níveis (stricto sensu, lato sensu, qualificação profissional, educação profissional técnica e especialização técnica) e conta com cerca de 6 mil alunos presenciais. Por isso precisou adaptar suas atividades e lançar iniciativas urgentes de capacitação profissional no que se refere ao enfrentamento da Covid-19 (cursos na modalidade à distância: curso Covid-19: manejo da infecção causada pelo novo coronavírus e curso Nacional de Atenção Psicossocial e Saúde Mental na covid-19), assim como informações para profissionais de saúde de toda natureza (portais de comunicação, Observatório Covid-19, hotspots, biblioteca de referências científicas, podcasts, aulas, vídeos, peças de comunicação, cartilhas e outros materiais).

Conheça algumas iniciativas da área de Educação da Fiocruz durante a pandemia.

Fiocruz Ceará inicia atividades no Bloco de Pesquisas

 portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-ceara-inicia-atividades-no-bloco-de-pesquisas-1



A Fiocruz Ceará deu um importante passo na consolidação das pesquisas científicas no estado. O Bloco de Pesquisas da Fiocruz Ceará começou a ser ocupado no dia 14 de julho, pelo segundo andar, onde ficam as plataformas de Anticorpos/Nanocorpos e Nanotecnologia, duas das quatro plataformas multiusuário desenvolvidas na área de biotecnologia. A Plataforma de Anticorpos e Nanocorpos atua na área de engenharia de proteínas para a geração de insumos de base biotecnológica aplicados em ações terapêuticas e diagnóstico de doenças. Utiliza os conhecimentos gerados pela Plataforma de Bioinformática e realiza ensaios experimentais na bancada do laboratório para o desenvolvimento de biofármacos, sejam inovadores ou melhorados, derivados de medicamentos comerciais. Outra abordagem da plataforma é a busca por estratégias a serem aplicadas em terapia celular para o tratamento de câncer.

Uma das linhas de pesquisa, desenvolvida em parceria com a Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará, aponta que anticorpos de camelídeos, entre os quais as lhamas estão incluídas, são mais resistentes às variações de temperatura e reconhecem diferentes antígenos de forma mais eficiente, quando comparados a anticorpos humanos. As pesquisas buscam o uso dos imunobiológicos no tratamento de doenças infecciosas, neurodegenerativas e envenenamento por animal peçonhento. Com os trabalhos iniciados em Rondônia, por meio da pesquisadora Carla Celedônio, a Fiocruz é a única instituição brasileira com domínio da tecnologia, trabalhada agora no Ceará. "Com as instalações em funcionamento, esperamos, em parceria com instituições locais, agregar valor a biomoléculas identificadas na região e contribuir com o desenvolvimento de produtos farmacêuticos para a sociedade brasileira", ressalta Carla.

A plataforma de Nanotecnologia atua no desenvolvimento, caracterização e avaliação de partículas em escala micro e nanométrica, permitindo o desenvolvimento de tecnologias de medicamentos melhorados e inovadores. Os estudos buscam projetar, desenvolver e testar complexos nanoestruturados biocompatíveis para o tratamento do câncer e doenças negligenciadas.

O Bloco de Pesquisas é um centro de excelência em pesquisas biomédicas e desenvolvimento de produtos biotecnológicos. Para a otimização de espaço, compartilhamento de equipamentos e recursos e maior integração das equipes, a ocupação do prédio é realizada em conceito multiusuário e em plataformas. O equipamento tem quatro pavimentos, sendo o térreo e três andares. Os espaços receberão, em 2021, as plataformas de Bioinformática, Epidemiologia Molecular e Imunoparasitologia e Proteômica, além dos laboratórios de Saúde Digital, de Bio-Manguinhos, e ainda o escritório que vai coordenar a implantação do Distrito de Inovação do Eusébio, que tem a Fiocruz Ceará como âncora.

O projeto de adaptação do prédio deve ficar pronto até setembro. Ele atende às especificações dos pesquisadores e às exigências legais relacionadas a biossegurança e qualidade. Uma equipe da Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic) trabalha nas soluções de instalação da estação de tratamento de água e da central de ar-condicionado para a execução final do projeto.

Ensino

Pesquisadores, doutorandos e mestrandos irão trabalhar juntos na produção de novos conhecimentos que visam incrementar o diálogo dos campos da saúde, da ciência e da tecnologia com a sociedade, impulsionando o desenvolvimento de novas ações e estratégias de divulgação científica. A turma de Doutorado em Biotecnologia e Saúde da Fiocruz Ceará possui 12 alunos que irão executar suas atividades experimentais nas dependências dos laboratórios pelos próximos três anos. Cerca de 10 alunos de programas de pós graduação, em parceria com outras instituições, como a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Rede Renorbio também devem utilizar os laboratórios para execução dos seus projetos.

** Foto: Fiocruz Ceará*

Covid-19: Fiocruz elabora ações para os povos indígenas

 portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-fiocruz-elabora-acoes-para-os-povos-indigenas



Pesquisadores da Fiocruz elaboraram um plano de apoio ao enfrentamento à Covid-19 para os povos indígenas. Um dos objetivos é intensificar a vigilância e aprimorar informações sobre o impacto da pandemia nessas populações. A iniciativa mobilizou diferentes unidades e vice-presidências e foi destacada pela presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima. “Essa é uma ação conjunta da Fundação, presente em todo território nacional, para dar suporte ao enfrentamento desta grave crise humanitária que atinge os povos indígenas no Brasil”, alertou.

O avanço da contaminação pelo novo coronavírus na população indígena vem acompanhado de uma série de desafios. Os povos indígenas são um grupo particularmente vulnerável à Covid-19, devido às elevadas prevalências de diferentes doenças e agravos à saúde (desnutrição e anemia em crianças, e doenças infecciosas como malária, tuberculose, hepatite B, hipertensão, diabetes, obesidade e doenças renais, nos adultos) e as dificuldades de acesso ao sistema de saúde, particularmente da atenção especializada. Além disso, os indígenas sofrem com o aumento das queimadas e do desmatamento, com baixo saneamento e, em muitas situações, enfrentam uma enorme fragilidade econômica, o que dificulta a manutenção do isolamento social, que é uma medida fundamental no enfrentamento da pandemia.

“O cenário visto nas populações indígenas é dramático, mas ainda há muito que pode ser feito. É a isto que estamos nos dedicando. A Fiocruz atua há mais de 30 anos na saúde indígena. Agora, estamos integrando diversos eixos de ação para olhar com atenção para as necessidades dessas populações historicamente vulnerabilizadas”, afirma Nísia.

Por seu histórico de atuação na saúde indígena, a Fiocruz foi convocada para compor um grupo de trabalho para dar apoio técnico na elaboração de um plano de enfrentamento e monitoramento da Covid-19 em povos indígenas pela União, após determinação do Superior Tribunal Federal (STF). Pesquisadores da Fiocruz e da Abrasco têm se reunido e devem apresentar suas recomendações no início de agosto.

Desafios na produção da informação

A disparidade de informações sobre os impactos da pandemia nas populações indígenas também reforça essa vulnerabilidade. De acordo com a pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) Ana Lúcia Pontes, uma questão central é dimensionar a quantidade de casos e óbitos na população indígena. Isso porque, inclusive por diferenças nos procedimentos de registro e na cobertura, há divergência entre os dados oficiais fornecidos pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e os números divulgados pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). Os dados da Sesai, por exemplo, se referem somente à população indígena em territórios indígenas, não incluindo, via de regra, os indígenas que vivem em áreas urbanas ou em territórios fora das terras demarcadas.

Até o dia 27 de julho, a Apib contabilizou 581 mortes por Covid-19 na população indígena, com 18.854 casos confirmados, em 143 povos afetados. Enquanto os dados oficiais da Sesai, em 29 de julho, registraram 15.012 casos confirmados, com 276 óbitos nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI). “Acompanhamos a progressão da Covid-19 na população indígena. Os casos suspeitos são muito baixos e não sabemos se trata de um problema da busca ativa ou falta de acesso aos testes diagnósticos. Além disso, os dados poderiam ser desmembrados, pois a distribuição de casos não é homogênea”, explicou Ana, que também coordena o GT de Saúde Indígena da Abrasco e acompanha as atividades da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Povos Indígenas (FPM DPI), que apresentou o projeto de lei 1.142, sancionado com vetos em 8 de julho.

Para a pesquisadora, mais do que as altas taxas de incidência da doença e do número de mortos, é importante olhar para o que isso representa. “Os mais velhos estão morrendo e essa é uma perda imensa. Eles são muitas vezes lideranças que guardam conhecimentos únicos, transmitidos de forma oral intergeracionalmente e têm papel importante na organização social e luta desses povos”, explica. A médica reforça a necessidade de analisar como diferentes povos estão sendo atingidos, pois alguns grupos podem estar em maior risco. O Brasil possui aproximadamente 300 etnias e 270 línguas faladas, o que representa um dos maiores níveis de sociodiversidade do mundo. “Historicamente os povos indígenas enfrentam epidemias que os colocam em risco de genocídio. Temos uma responsabilidade”, alerta Ana Lúcia Pontes.

Apoio ao diagnóstico

Para aprimorar esse aspecto, o eixo de atuação “apoio ao diagnóstico da Fiocruz” propõe diferentes frentes, como o fortalecimento dos laboratórios Fiocruz para apoio ao diagnóstico molecular e distribuição de testes sorológicos. A primeira iniciativa visa

garantir suprimento para os laboratórios da Fiocruz e para os pesquisadores que estão atuando nas redes de diagnóstico molecular. A ação é conduzida pelas regionais da Fiocruz da Amazônia, Bahia, Rondônia e Mato Grosso do Sul.

A pesquisadora da Fiocruz Amazônia Luiza Garnelo, lembra que a subnotificação não é um problema exclusivo do subsistema de saúde indígena e que esses dados são importantes para entender a dinâmica da pandemia, aprimorar ações de vigilância e da atenção primária em saúde e para reduzir a mortalidade. “Estamos trabalhando na aquisição de equipamentos de proteção individual e testes para profissionais e agentes de saúde que estão nas comunidades. Uma das iniciativas é capilarizar esse recurso de diagnóstico e trabalhar diretamente com as equipes que atuam nas comunidades. É inverter um fluxo. Depois que o processo está instalado e você tem a gravidade da doença, é que o paciente é removido. A tentativa é interiorizar as ações e reforçar a atenção primária”, comentou Luiza.

A Fiocruz irá distribuir 4 mil testes rápidos para diagnóstico da Covid-19 para os povos indígenas do Alto Rio Negro, do Alto Solimões e do Purus. Os testes foram doados pelo Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos) à Fiocruz Amazônia, que coordena as ações na região. Em junho, uma equipe da Fiocruz esteve em São Gabriel da Cachoeira realizando treinamento de multiplicadores para manejo dos testes rápidos para Covid-19. Garnelo enfatiza: “a ideia é que se consiga capilarizar o diagnóstico para facilitar o monitoramento e vigilância numa região remota e de difícil acesso, com aldeias pequenas espalhadas num território extenso, o que dificulta o trabalho das equipes no enfrentamento da Covid-19”.

Os multiplicadores estão se deslocando para implantar essas testagens nas localidades. Após essa fase, os resultados serão transmitidos por radiofonia ou orelhões públicos, únicas formas de comunicação disponíveis. “Com isso, estamos cobrindo cerca de 18 milhões de hectares dos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel, onde ficam aproximadamente 700 comunidades. Temos o grande desafio de percorrer esses rios para chegar até eles com os devidos cuidados, seguindo os protocolos”, explicou Garnelo.

A proposta é fortalecer a atuação dos Agentes Indígenas de Saúde que atuam em comunidades na região do Alto Rio Negro. A pedido da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN), a Fiocruz Amazônia realizou, em parceria com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), a Secretaria de Estado de Educação (Seduc/AM) e o Distrito Sanitário Especial indígena do Alto Rio Negro (DSEIARN), a elevação da escolaridade e profissionalização técnica de 139 agentes comunitários indígenas de saúde, que estão habilitados a atuar nessas comunidades. “Eles serão ponto focal dessa rede para que os profissionais de nível superior possam se deslocar com mais assertividade”, explica a pesquisadora.

Outros eixos de atuação

Além do eixo de apoio ao diagnóstico, as ações da Fiocruz contemplam iniciativas de atenção à saúde, pesquisa, educação, apoio emergencial e comunicação e informação. Nos eixos educação, comunicação e informação, um grupo de pesquisadores vem atuando na disseminação de subsídios técnico-científicos e materiais educativos, por meio de podcasts, para os agentes indígenas de saúde (AIS). A iniciativa, conduzida pela EPSJV, teve uma primeira etapa que resultou em dez programas da Rádio Policast sobre o enfrentamento da Covid-19 em contexto indígena, abordando aspectos da prevenção, saneamento, atenção à saúde e a atuação do AIS, que estão disponível na sessão Saúde Indígena da plataforma O SUS em Ação: Agentes de Saúde em tempos de coronavírus.

A segunda etapa da iniciativa tem como ideia central, de acordo com a professora-pesquisadora do Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde da EPSJV, Ana Claudia Vasconcellos, produzir informações que possam ser utilizadas na reorientação do processo de trabalho dos AIS durante o período da pandemia. “Os podcasts abordam os cuidados que devem ser tomados durante as visitas domiciliares, o acolhimento dos casos leves e graves da Covid-19, as recomendações as gestantes e puérperas, sobre o uso correto das máscaras, sinais e sintomas, formas de contágio e diversos outros temas”, detalhou.

Para que os áudios cheguem até os AIS, foi criada uma rede de disseminação do material informativo via WhatsApp e uma parceria com o Instituto SocioAmbiental (ISA) para transmitir as informações por radiofonia. Ana Lucia Pontes, que participou da concepção e produção dos podcasts na primeira etapa, chama atenção para a importância dessa iniciativa para fazer chegar informações qualificadas e de forma capilarizada nas comunidades indígenas.

Informação para ação

O Observatório Covid-19 Fiocruz tem o objetivo de desenvolver análises integradas, tecnologias, propostas e soluções para enfrentamento da pandemia por Covid-19 pelo SUS e pela sociedade brasileira. A Ensp, por meio da articulação dos pesquisadores do Departamento de Endemias Samuel Pessoa e em parceria com o GT de saúde indígena da Abrasco, vem contribuindo com o Observatório Covid-19 com subsídios como estudos, notas técnicas e webinars, na temática de saúde indígena.

Ademais, um grupo de pesquisadores da Ensp/Fiocruz participou de nota técnica apontando que a Covid-19 não é a única ameaça à saúde indígena e organizando Centro de Estudos sobre Coronavírus e povos indígenas: vulnerabilidades ambiental e territorial na Amazônia. “O documento alerta para problemas de insegurança alimentar, que ameaçam o estado nutricional principalmente de crianças, casos de malária, tracoma, surtos e epidemias de doença diarreica aguda, tuberculose, infecções respiratórias, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros”, afirmou Paulo Basta.

Já o Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe/Ensp) desenvolve um trabalho interdisciplinar e um diálogo intercultural com o povo Munduruku, na Região do Tapajós, envolvendo não somente o tema do mercúrio e do garimpo, mas os conflitos ambientais e resistências para preservação das identidades e dos direitos territoriais dessa população. Nesse momento, as iniciativas, coordenadas pelo pesquisador Marcelo Firpo, foram direcionadas para apoiar os povos indígenas no enfrentamento da Covid-19.

Investigadores do Grupo de Pesquisa Saúde, Epidemiologia e Antropologia dos Povos Indígenas da Ensp/Fiocruz, do Programa de Computação Científica (Procc/Fiocruz) e da Escola de Matemática Aplicada da Fundação Getúlio Vargas (EMAP-FGV) produziram duas edições do relatório Risco de espalhamento da Covid-19 em populações indígenas, com foco em questões de vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica. Nas diversas apresentações públicas realizadas sobre esses documentos, os pesquisadores Andrey Cardoso, da Ensp/Fiocruz, e Claudia Codeço, do Procc/Fiocruz, destacaram a importância da produção de análises atualizadas acerca do espalhamento da Covid-19 em populações indígenas. Segundo eles, a iniciativa, integrando diversas bases de dados, busca identificar quais os segmentos da população indígena que apresentam maior vulnerabilidade segundo diferentes recortes populacionais, representados por indígenas residentes em municípios e zonas urbanas e rurais, residentes em Terras Indígenas (TIs) oficialmente reconhecidas e em municípios abrangidos por Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs).

As análises baseiam-se na exposição geográfica em municípios classificados segundo níveis de probabilidade de epidemia, definida para a população brasileira em geral. Esses relatórios têm tido ampla circulação não somente na comunidade de especialistas em saúde coletiva como na sociedade civil em geral, inclusive nas organizações indígenas e seus parceiros. Para visibilizar essas e outras contribuições, a BVS Saúde dos Povos Indígenas está levantando e disponibilizando documentos, materiais didáticos e webinars sobre a temática da Covid-19 e povos indígenas, que podem ser acessados [aqui](#).

Em um cenário de extrema necessidade de diálogos interculturais, Ana Lúcia Pontes, Ricardo Ventura Santos e Felipe Machado, pesquisadores da Ensp/Fiocruz, em parceria com um coletivo de pesquisadores indígenas de diversas regiões do país, estão desenvolvendo a iniciativa Vozes Indígenas na Produção de Conhecimento. A proposta envolve um comitê editorial formado por pesquisadores indígenas que formularam duas chamadas públicas, com foco na autoria indígena, que visam captar contribuições que deem visibilidade às múltiplas especificidades inerentes às realidades sócio-territoriais de cada povo, com ênfase nas complexas inter-relações sócio-culturais e políticas com a saúde dos povos indígenas, incluindo a questão da Covid-19.

No lançamento público dessas chamadas, que ocorreu durante o webseminário Povos Indígenas na Produção de Conhecimento: Por uma Saúde não Silenciada, no dia 26 de junho, Inara do Nascimento Tavares, do povo indígena Satere-Maué e professora do

Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Roraima, enfatizou: “São muito importantes as parcerias institucionais que se colocam de forma simétrica, na forma do diálogo”. Maiores informações sobre essa chamada e o projeto, que inclui uma playlist no canal do YouTube da VideoSaúde com depoimentos de trajetórias indígenas na academia, estão disponíveis [aqui](#).

Unidos pela solidariedade

 portal.fiocruz.br/noticia/unidos-pela-solidariedade



Três meses após o início do programa Unidos Contra a Covid-19 (unidos.fiocruz.br), a Fiocruz se prepara para uma nova fase da campanha: prestação de contas e demonstração dos resultados dessa rede de solidariedade. Até o fechamento desta edição do Boletim da Presidência, a plataforma que uniu pessoas físicas, iniciativas privadas, Ministério Público do Trabalho e Ministério Público Federal para o fortalecimento das ações da Fiocruz no combate à pandemia já havia contabilizado R\$293 milhões em doações.

“Nosso programa teve o maior resultado de captação do Brasil, segundo os dados da Associação Brasileira de Captação de Recursos, que tem monitorado as doações realizadas em todo o país. Até 28 de julho, 79 instituições e 2.338 indivíduos haviam apoiado nossa Fundação. Tudo isso reforça a confiança que esta instituição transmite aos parceiros”, afirma o coordenador do Escritório de Captação de Recursos da Fiocruz, Luiz Fernando Donadio.

Transparência

Todo recurso que chega à Fiocruz é contabilizado e fica disponível no site, na aba ‘Transparência’ do menu. Também é possível ver o detalhamento de valores aplicados, com atualização semanal, e a área específica em que foram utilizados. As linhas de atuação do programa foram definidas após uma série de articulações com o Ministério da Saúde (MS).

“Desde o início, estivemos preocupados em dar transparência as nossas ações. Neste momento, estamos dedicados na à agenda de agradecimento a cada apoiador e na construção de um relatório dos efeitos gerados pelas doações recebidas, que estará disponível no site oficial da campanha até o final do ano”, complementa o coordenador.

Resultados

No novo menu do site, foi destacada a área ‘Resultados’, criada para facilitar o entendimento de como as doações ajudaram no enfrentamento da Covid-19. Ali, em ‘Assistência a pacientes’, por exemplo, é possível ver que as doações permitiram a aquisição do sistema de automatização, equipamentos e insumos; a distribuição de 75 mil litros de álcool em gel para hospitais do Estado do Rio de Janeiro; a habilitação de 15 leitos na UPA de Manguinhos, também no Rio; e a distribuição de 58.550 máscaras, 8.925 protetores faciais e 100 óculos de proteção para profissionais de saúde.

Em territórios indígenas de Manaus (Amazonas), os recursos doados foram investidos na aquisição de equipamentos e insumos para aumentar a capacidade de testagem da Fiocruz Amazônia, como testes rápidos para a Covid-19 e equipamentos de proteção individual (EPIs).



O estudo Solidarity (Solidariedade) e a pesquisa de risco de transmissão intradomiciliar da Covid-19 na população de Manguinhos também receberam aporte financeiro do programa. Outro destaque foi a ampliação da capacidade de testagem, na qual as doações tiveram importante papel, com a implantação de Unidades de Apoio ao Diagnóstico da Covid-19, além da aquisição de insumos para a produção de testes para o diagnóstico.

A rede de solidariedade possibilitou ainda ações direcionadas às populações vulnerabilizadas, tanto moradoras de favelas, quanto de territórios indígenas. Mais de dez mil cestas básicas foram distribuídas, somadas a duas toneladas de alimentos e 30 mil kits de higiene pessoal para moradores de Manguinhos e Maré, no Rio. Uma chamada pública também apoiou 145 projetos focados em ações emergenciais voltados a populações quilombolas, indígenas, ribeirinhos e moradores de favelas.

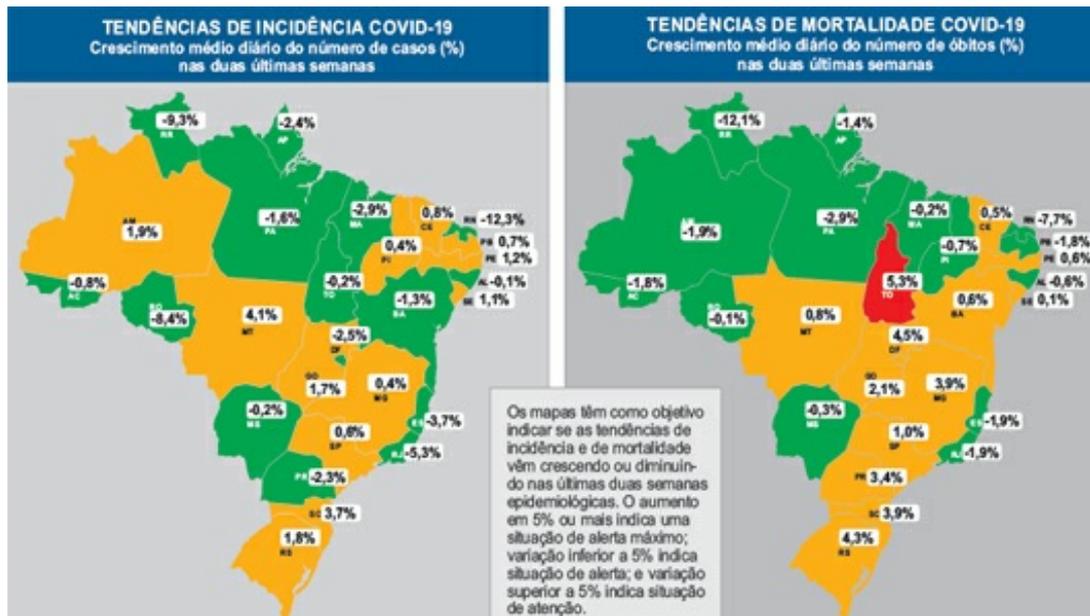
Para detalhes dessas e outras ações, acesse unidos.fiocruz.br

Fiocruz lança Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19

portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-boletim-do-observatorio-fiocruz-covid-19-0

30/07/2020

Regina Castro (CCS)



A Fiocruz lançou, no dia 17 de julho, o Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19. A iniciativa visa apresentar dados, de forma clara e didática, da situação dos estados brasileiros e do Distrito Federal, em relação ao cenário epidemiológico da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) e da Covid-19, assim como da capacidade do sistema de saúde para o enfrentamento da pandemia. A Fundação acredita que por meio do boletim – que traz informações vitais para a tomada de decisões – contribuirá para ampliar a discussão sobre todos os aspectos que envolvem a Covid-19. Para isso, a ideia é contar com a participação dos diferentes atores sociais comprometidos com o processo e envolvimento de toda a sociedade.

Para a criação do boletim foram tomadas como referências não só critérios e indicadores propostos pela OMS, mas também iniciativas da sociedade civil, como o Covid Exit Strategy. A publicação traz um panorama geral do cenário epidemiológico, com indicadores-chave para o monitoramento da situação nos estados e regiões do país, relacionados à incidência e à mortalidade pela Covid-19, incidência de SRAG e disponibilidade de leitos. O cálculo de incidências semanais de Covid-19 é feito por médias das últimas duas semanas e a incidência de SRAG por média móvel - a média em intervalos de três semanas - das últimas três semanas. As tendências são avaliadas pelo crescimento médio diário nas últimas duas semanas.

Os níveis de ocorrência de SRAG são avaliados por padrões históricos detalhados nos documentos do [InfoGripe](#). Outros dados de Covid-19 estão disponíveis no [MonitoraCovid-19](#). O indicador de disponibilidade de leitos de UTI Covid-19 baseia-se em dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES).

Campus Sede:

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900 - Tel: (0xx21) 2598-4242

- [Índice alfabético](#)
- [Expediente](#)

Este portal é regido pela [Política de Acesso Aberto ao Conhecimento](#), que busca garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral de toda obra intelectual produzida pela Fiocruz.

 O conteúdo deste portal pode ser utilizado para todos os fins não comerciais, respeitados e reservados os direitos morais dos autores.